

Comentário sobre o artigo:

Recasamento: Novas Oportunidades para o Espaço Conjugal?

Maria Cecília Veluk Dias Baptista¹

Comentar é, além de dizer o que se achou do que se leu, também trocar. É conhecer a criação da autora, enriquecer-se com ela e a partir daí fazer reflexões e obter novos olhares sobre o mundo que nos cerca, iniciando outro momento de criação.

Desde o início da leitura deste artigo, através da ampla revisão bibliográfica feita pela autora, percebe-se a complexidade dessas novas configurações familiares, que surgem nas famílias contemporâneas. A partir desta afirmação, fica para nós, terapeutas familiares, a importância de estarmos acompanhando as mudanças sociais, atentos às questões que surgem e influenciam nas dinâmicas familiares.

O recasamento, na grande maioria das vezes, cria redes familiares complexas, com novos atores, novos papéis, que exigirá primeiro o reconhecimento e aceitação dos mesmos, depois o desafio de encontrarem novas respostas, para um convívio harmonioso.

A terapia familiar, como vimos no artigo, pode criar espaço para que a família reconstituída desvele o seu drama e passe a acreditar na sua competência, flexibilidade, espontaneidade para novos arranjos. O sistema familiar recasado reviu a história das famílias anteriores, percebeu as diferentes características pessoais, bem como levantou novas possibilidades.

A autora identificou a importância de trabalhar a inclusão de novos elementos e a família biológica, o que exigirá uma adaptação de todos que compõem o sistema. Pode-se perceber que este será um trabalho extenso. Construir o “nós” é desatar muitos “nós”.

¹ Psicóloga; Psicodramatista; Pós-Graduada em Psicologia Social; Terapeuta de Família e Casal; Supervisora Didata de Psicodrama; Coordenadora do Curso de Casal e Família no Delphos Espaço Psico Social/ RJ; Membro da Comissão Científica da ATF-RJ; Presidente da Federação Brasileira de Psicodrama; Diretora Presidente do Delphos Espaço Psico Social/ RJ.

As novas configurações familiares, freqüentemente, apresentam demandas de terapia familiar. O caso apresentado, em contexto terapêutico, é por si só revelador das dificuldades e dos desafios que enfrentam essas famílias recasadas. Ocorrem mudanças em diversos âmbitos: no espaço físico, no espaço psicológico, nos papéis, nas interações.

Com esta leitura, foi possível refletir a ambigüidade que ocorre nestes relacionamentos: culpa, amor, ódio, perda, frustração; ficando mais uma vez constatada a complexidade desta dinâmica familiar, que vem permeada de dívidas, legados e lealdades. Amplia o olhar do terapeuta familiar para os valores, crenças e mitos que estão presentes no sistema familiar e terapêutico.

Existem estereótipos e preconceitos acerca de alguns dos papéis das famílias recasadas que, na grande maioria, não os auxiliam na busca de novas respostas às novas situações familiares vividas neste tipo de família. Estas famílias precisam criar fronteiras, regras, seus próprios rituais, novos papéis, redefinir o sistema de autoridade, que respondam as suas necessidades.

Importante é o destaque dado pela autora para a manutenção e desenvolvimento do papel conjugal diferente dos papéis parentais, mostrando a necessidade desta permanente construção para a construção da nova família.

Todas estas reflexões me remetem a algumas questões que não foram abordadas neste artigo, mas que eu considero fundamentais para levarmos à frente este desafio, o treino da negociação e o exercício da tolerância, que os membros das famílias recasadas precisam desenvolver. A inversão de papel pode ser um instrumento útil para tal treino.

Uma sugestão que poderá complementar este artigo é a bibliografia do livro "Pais, Filhos & Cia. Ilimitada" (Ed. Record), de nossa colega Gladis Brun, que desenvolve tema semelhante, com muita maestria.

Sendo esta uma temática muito complexa, permite olhares de muitos ângulos, desta forma seria possível extrair uma série de sub-temas, que se forem mais desenvolvidos, dariam outros importantes artigos sobre famílias recasadas.

O referido artigo atende a uma demanda muito freqüente na prática clínica das terapias de família, provoca muitas questões e reflexões. Acredito ser este o melhor caminho para ampliar os conhecimentos sobre o tema em referência.

Endereço para correspondência

mbaptis@uol.com.br

Recebido em 10/06/06

Aceito em 13/06/06